

Universidade Federal de São Paulo

Campus Baixada Santista

NATALIA LEANDRO MARTINS

Colhendo e Acolhendo: experiência de estudantes de Terapia Ocupacional em um trabalho com mulheres da região Noroeste de Santos – SP.

SANTOS

2014

NATALIA LEANDRO MARTINS

Colhendo e Acolhendo: experiência de estudantes de Terapia Ocupacional em um trabalho com mulheres da região Noroeste de Santos – SP.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal de São Paulo- Campus Baixada Santista como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientador: Prof^a Dra. Flavia Liberman
Coorientador: Thaís Marques Fidalgo

SANTOS

2014

Martins, Natalia Leandro, 1991-

M386c

Colhendo e acolhendo : experiência de estudantes de Terapia Ocupacional em um trabalho com mulheres da região noroeste de Santos – SP. / Natalia Leandro Martins ; Orientadora: Profa. Dra. Flávia Liberman. – Santos, 2014.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, Curso de Terapia Ocupacional, 2014.

1. Atenção em saúde. 2. Terapia ocupacional - formação profissional. I. Liberman, Flávia, Orientadora. II. Título.

CDD 615.8515

**Colhendo e Acolhendo: experiência de estudantes de Terapia Ocupacional
em um trabalho com mulheres da região Noroeste de Santos – SP.**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado a Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Flávia Liberman (Orientadora)

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Thaís Marques Fidalgo (Coorientadora)

Profª Dra. Virgínia Junqueira

Universidade Federal de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Levi e Elisete, pelo amor e cuidado, sempre! Por acreditarem e tornarem possível minha saída de casa para estudar, acolhendo-me, não só aos finais de semana, mas sempre que precisava.

Ao meu irmão Tiago, que admiro e amo tanto e à Rhaíza, cunhada do coração!

Meu amor Leandro, namorado, amigo, companheiro. Obrigada pela força todos estes anos! Por mostrar que as coisas mais simples da vida são as que valem a pena e compartilhar comigo tantas coisas importantes!! À família querida: Tânia, Gilberto e Gabriel, obrigada por tudo, inclusive o empréstimo do computador para fazer este trabalho.

Às amigas que se tornaram minha segunda família nesta jornada, Aya Hirai e Ana Paula. Com vocês tudo teve mais graça! Obrigada por marcarem minha vida de uma forma tão especial. Lindas!

Agradeço à profª Flávia, pelos incentivos e orientações e desde o início da graduação me revelar um jeito encantador e sensível de ser terapeuta ocupacional. À Thaís, muito obrigada por acreditar neste trabalho e ter tanta paciência para me auxiliar.

Aos estudantes que aceitaram participar da pesquisa e compartilhar comigo suas experiências. Ao grupo de mulheres do qual também fiz parte e que me fez ver coisas lindas da vida!

À Deus, por me permitir estar com tanta gente boa!!!

Colhendo e Acolhendo: experiência de estudantes de Terapia Ocupacional em um trabalho com mulheres da região noroeste de Santos – SP.

RESUMO

Este estudo surge a partir da experiência de estudantes de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) no cuidado às mulheres que vivem em uma região com alto índice de vulnerabilidade social da cidade de Santos, através do processo de buscá-las em suas casas – chamado aqui de Colheita, e que possibilita o acesso destas mulheres a um equipamento de cultura. Este cuidado está atrelado ao acolhimento, compreendido aqui como escuta, disponibilidade do profissional, uma postura ética frente ao usuário e fundamental na relação terapêutica.

Buscou-se analisar como o acolhimento presente neste procedimento da colheita contribui para a formação destes estudantes; investigar a percepção dos estudantes sobre sua postura em relação ao acolhimento; conhecer as dificuldades e potencialidades encontradas pelos alunos durante o acolhimento e compreender as possíveis relações entre a Colheita e Terapia Ocupacional.

Trata-se de um estudo qualitativo realizado através de cinco entrevistas semiestruturadas com alunos de graduação da Unifesp, sob análise de conteúdo com uma perspectiva cartográfica. O trabalho aponta e discute alguns temas que mais se sobressaíram: conceito de saúde, presença, dificuldades e território, potencialidades e Terapia Ocupacional.

A pesquisa não propõe conclusões ou respostas fechadas, mas gerar reflexões acerca dos processos vivenciados pelos estudantes no trabalho de colher e acolher e tecer relações com o campo de conhecimento e prática da Terapia Ocupacional.

Palavras-chave: Acolhimento, Terapia Ocupacional, Formação.

Collecting and Receiving: experience of students of occupational therapy in work
with women in the northwestern region of Santos - SP.

ABSTRACT

This study arises from the experience of students of Occupational Therapy, Federal University of São Paulo (UNIFESP) caring for women living in a region with high social vulnerability of the city of Santos, through the process of fetching them in their houses - here called Harvest, which allows access of women to a culture equipment. This care is linked to the reception, understood as listening, and professional availability, finally, an ethical attitude toward the user and key in the therapeutic relationship.

We sought to examine how the reception in this harvest procedure contributes to the formation of these students; investigate the students' perception of their position in relation to the reception; know the difficulties and potentials encountered by students during the reception and understanding the possible relationships between Harvest and Occupational Therapy.

This is a qualitative study using semi-structured interviews with five undergraduates UNIFESP, under a cartographic analysis. The work points out and discusses some issues that most stood out: the concept of health, presence, difficulties and territory, potentialities and Occupational Therapy.

The research does not offer conclusions or closed answers, but encourage people to think about the processes experienced by students in the work of collecting and receiving and maintaining relations with the field of knowledge and practice of occupational therapy.

Key-words: Reception, Occupational Therapy, Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
1.1. Colher e Acolher.....	11
1.2. Revisando Conceitos.....	13
2. OBJETIVO.....	15
2.1. Objetivo Geral.....	15
2.2. Objetivos Específicos.....	15
3. MÉTODO.....	16
4. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO.....	18
4.1. Conceito de Saúde.....	18
4.2. Presença.....	19
4.3. Dificuldades e Território.....	21
4.4. Potencialidades.....	22
4.5. Terapia Ocupacional.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
6. REFERÊNCIAS.....	27
APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	29
APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	31

1. Introdução

Com vista à promoção de saúde, são articuladas ações de cuidado realizadas por estudantes da Universidade Federal de São Paulo, na região Noroeste da cidade de Santos – território com alto índice de vulnerabilidade social - com mulheres de características heterogêneas que moram na região.

Este cuidar acontece ao se pensar nas necessidades do outro, em sua autonomia, locomoção e bem estar, ou seja, uma perspectiva que pode ir além das questões patológicas e sintomáticas e que possibilite certo empoderamento do sujeito no que diz respeito à participação no seu próprio processo de estar no mundo; pois, como profissionais de saúde buscamos sempre “operar num terreno da vida, em sua formatividade, em sua afetividade e pulsação.” (CASTRO, 2005, p. 15).

O trabalho que falamos, é desenvolvido em diversas esferas que se conectam em um mesmo objetivo: o acolhimento às mulheres da região, que chegam de diferentes maneiras, como: demanda espontânea, através do contato com alguns serviços da região, indicação de vizinhos entre outras. Estudantes dos diferentes cursos: Nutrição, Fisioterapia, Psicologia, Educação Física e Terapia Ocupacional vão a campo no módulo *Clínica Integrada* durante o terceiro ano da graduação, módulo que faz parte do eixo *Trabalho em Saúde*¹, com o objetivo de dar continuidade à formação de uma clínica em comum aos vários campos profissionais, avançando na produção e gestão do cuidado individual e coletivo em saúde. Para que o trabalho ocorra é disponibilizado pela universidade o transporte para locomoção das mulheres e dos alunos ao Instituto Arte no Dique (Organização não governamental), um equipamento de cultura da região, onde acontece o Grupo de Mulheres.

Este iniciou-se em 2009 na Unidade Básica de Saúde Radio Clube, e posteriormente firmou-se em parceria com a ONG. A equipe formada pelos alunos, supervisionados e orientados pelas professoras responsáveis, coordenam os encontros, planejam as atividades e entram em contato com as mulheres.

¹ Esse eixo tem como objetivos possibilitar ao estudante compreender as múltiplas dimensões envolvidas no processo **saúde-doença** e de produção de **cuidado**; entender o funcionamento do sistema de saúde vigente em nosso país; entrar em contato com as diversas profissões e práticas de saúde, além de conhecer o processo de trabalho em saúde e construir uma visão crítica sobre a produção do conhecimento em geral, do conhecimento científico e do conhecimento na área da saúde (UNIFESP – Projeto Pedagógico do Campus Baixada Santista).

Uma das estratégias para o funcionamento do grupo é que cada estudante ou dupla se torne referência para uma participante, de maneira que cada mulher tenha um olhar mais aproximado.

Estes alunos contam com suporte do *Estágio de Graduação em Terapia Ocupacional* e do *Projeto de Extensão Cartografias Femininas: Ações Territoriais junto às mulheres da região Noroeste*.

1.1. Colher e Acolher

Dentro destas intervenções há o acolhimento, que ocorre pela escuta qualificada, percepção da demanda, entre outras sutilezas. Segundo Franco, Bueno e Merhy (1999) o acolhimento é fundamental no trabalho em saúde, pois a partir dele ocorrem as responsabilizações e engajamentos investidos nas práticas. Para eles o acolhimento acontece a partir de uma disponibilidade do profissional que se coloca para este fim, sua forma de estar é fundamental, remetendo assim a algo que é atitudinal e mais horizontal, onde o interesse não é apenas do usuário, mas também do profissional. Para Liberman “o trabalho trata de uma forma de acolher, uma experiência onde o acolher é chamado de ‘colheita’”².

O trabalho inicia-se antes mesmo do encontro formal na ONG, a começar pelos telefonemas dados durante a semana para confirmar o encontro. Neste momento, muitas histórias já são compartilhadas. Para a participação das mulheres no grupo, não existe um critério específico quanto à faixa etária, no entanto, a maioria delas é idosa que apresenta alguma limitação física, portanto, para facilitar a entrada e saída das mulheres do transporte, foi pensada a utilização de um degrau móvel.

Ampliar o acesso é um dos objetivos principais do nosso trabalho, porém não se trata apenas do acesso concreto das pessoas em relação a sua mobilidade espacial nem de disponibilizar ofertas, trata-se de promover possibilidades para os encontros consigo mesmo, com as pessoas e com coisas. (LIBERMAN; MAXIMINO, no prelo).

O trajeto também é organizado da melhor forma para otimizar o tempo e propor pontos que facilitem o acesso. Além disso, vários encontros acontecem durante o percurso, entre as próprias mulheres, os alunos e professoras. “Na van vamos atualizando as notícias de cada uma, elas já são uma presença viva em nós, há uma aposta no encontro.” (LIBERMAN e MAXIMINO, no prelo).

Antes que as mulheres participem do grupo, existe um trabalho prévio, articulado ao projeto de extensão *Cartografias Femininas*, onde os alunos acompanham cada mulher individualmente através de visitas domiciliares, avaliando suas necessidades e demandas, sendo um dos possíveis objetivos a participação no grupo. Este processo pode ser comparado a uma “semeadura”, ato de semejar, descrito pelo dicionário Aurélio

² Apontamento resultante de supervisões realizadas com Liberman em 2014. Arquivo pessoal.

como “deitar, lançar as sementes na terra para fazer germinar: semear os campos” que pode durar semanas, meses e até anos.

Além das ações voltadas para as mulheres, o trabalho tem papel fundamental na formação dos estudantes, já que os coloca frente a frente com a prática, habilitando-os através de supervisões e acompanhamento para lidar com as questões que inevitavelmente surgem durante as ações no campo.

1.2. Revisando Conceitos

Ao imprimir a relação terapeuta-paciente no campo da Terapia Ocupacional, Castro (2005) coloca que na formação do terapeuta ocupacional vão se construindo atitudes que preparam este profissional para o encontro em que esteja aberto a receber e acolher *um outro alguém* com sua história singular, demandas (ou a falta delas) como relação ética. Além disso, a autora coloca que aspectos do próprio terapeuta estão envolvidos neste momento, como sua corporeidade, seus sentidos, sua história, suas experiências, enfim, sua presença, e que conferem qualidade na relação terapeuta-paciente. Este deslocamento para uma relação mais horizontal facilita o acesso das pessoas aos serviços, pois estão mais seguras e amparadas. (FRANCO; BUENO; MERHY, 1999).

Schmidt e Figueiredo (2009) ao analisarem diferentes aspectos da clínica em saúde mental, apontam o acesso atrelado ao acolhimento, justificando que a forma como este se dá é fundamental para a potencialização deste acesso e o desenvolvimento do atendimento. O acolhimento é metaforizado por Castro (2005) como uma porta, uma passagem, no sentido de permitir a acessibilidade a um campo de conhecimento onde o terapeuta fará a interlocução entre o sujeito e todo o aparato técnico-científico, social e ambiental. Segundo Mângia et al. (2002) o acolhimento favorece a desburocratização do acesso a quem procura o serviço e propicia às equipes maior flexibilização dos processos de trabalho, que respondam às necessidades das pessoas.

O acolhimento está previsto pela Política Nacional de Humanização (2004) nos diferentes níveis de atenção à saúde e é visto como uma postura ética frente ao usuário, um espaço de compartilhamentos e trocas, diferenciando-se assim, da triagem. (BRASIL, 2004). A escuta qualificada é fundamental para o processo de acolhimento, bem como a percepção das reais necessidades e a construção coletiva com a equipe e com o próprio usuário para um direcionamento, além de possíveis articulações com a rede de serviços, posto que “a prática do acolhimento evidencia que os serviços não têm que dispor de todos os recursos necessários para cada caso, mas devem desenvolver a possibilidade de agenciar recursos e soluções mais adequados às situações.” (MÂNGIA et al., 2002, p. 18).

As equipes podem sofrer dificuldades e impasses ao aderirem à estratégia do acolhimento, pois envolve as singularidades e desejos próprios a cada membro, além de possível escassez de equipe e materiais, que muitas vezes acomodam os profissionais, porém, é no enfrentamento e superação das dificuldades que “se constrói a possibilidade e a capacidade transformadora do serviço.” (MÂNGIA et al., 2002, p. 19). Além disso,

o acolhimento implica em que os profissionais se engajem e se responsabilizem mais pelos usuários, sendo que todos os trabalhadores que compõem a instituição fazem parte e são importantes atores neste cuidado, pois também desenvolvem ações de relação com os usuários diariamente. Receber as pessoas, ouvi-las e refletir junto com elas podem ser ações terapêuticas, fazendo com que elas possam pensar e até questionar o papel das instituições, sua participação e direitos. (MÂNGIA et al., 2002). A princípio, as pessoas que estão chegando ao processo estão como expectadoras, “mas o acolhimento tem como pretensão superar essa passividade, evoluir receptores para atores, protagonistas do processo.” (CIASCA, 2005, p. 78).

Diante deste movimento, pode-se afirmar que “não há uma fórmula ou uma atividade certa para aplicar no acolhimento [...]” (CIASCA, 2005, p. 77), já que cada sujeito carrega sua própria subjetividade e seu próprio tempo/estado, podendo ser despertado de formas diferentes. Por este motivo, é importante que o profissional esteja atento e sensível à pessoa a quem acolhe, ou seja, esteja presente, percebendo de que forma se colocar. Além disso, é fundamental que este entenda que neste processo ele próprio também está sendo observado e analisado pelo outro.

Sendo assim, a atitude do terapeuta ocupacional em relação ao acolhimento é a de deflagrar o processo, se responsabilizar pela iniciativa do acolher, conduzindo os acolhidos a postura de parceiros nas trilhas a serem propostas e seguidas. (CIASCA, 2005, p. 79).

Apesar de não existirem fórmulas para o acolhimento, algumas ações, que envolvem desde a preparação do corpo até ao próprio ambiente, manifestam a intenção pelo acolher, abrindo espaço para uma aproximação com os sujeitos, podendo-se pensar que:

...São várias as atitudes acolhedoras que facilitam a satisfação da curiosidade mútua. Diversas formas de interação, verbais e não-verbais, como: o olhar, o sorriso, a expressão do rosto e de todo o corpo, a disposição da sala, os assuntos introdutórios – ao mesmo tempo leve e instigantes, generosos, significativos para quem está chegando [...] (CIASCA, 2005, p. 80).

Ainda quanto ao tempo do acolhimento, Ballarin et al. (2011) consideram que: “Nessa direção, devemos entender o acolhimento como uma técnica de conversa, um diálogo que deve e pode ser operado por todos os profissionais do serviço, em qualquer momento de atendimento e nos diferentes encontros.” (pag.166)

2. Objetivos

2.1. Objetivo Geral

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como o acolhimento presente no procedimento de buscar as mulheres em suas casas - aqui chamado de Colheita , contribui para a formação dos estudantes de Terapia Ocupacional.

2.2. Objetivos Específicos

- Investigar a percepção dos estudantes sobre sua postura em relação ao acolhimento;
- Conhecer as dificuldades e potencialidades encontradas pelos alunos durante o acolhimento;
- Compreender as possíveis relações entre a Colheita e Terapia Ocupacional.

3. Método

Este estudo é um subprojeto da pesquisa intitulada “Cartografias Femininas: Ações Territoriais Junto às Mulheres na Região Noroeste – Santos”, aprovada pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal de São Paulo.

A metodologia utilizada e que responde à natureza deste trabalho é de análise qualitativa e, segundo Martins (2004, p. 292) “as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais”.

O olhar do pesquisador vai ao encontro de questões que, neste caso, não podem ser quantificadas, “o nível dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores, que se expressa pela linguagem comum e na vida cotidiana – o objeto da abordagem qualitativa.” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 245).

Neste sentido, a fala torna-se uma estratégia importante para transmitir através de um porta-voz (o entrevistado) as representações de grupos com suas características históricas, sócio-econômicas e culturais. (MINAYO; SANCHEZ, 1993). Portanto, um dos instrumentos de coleta de dados utilizado é a entrevista semiestruturada. Sapir (1967, p. 90), citado por Minayo e Sanches (1993) acrescenta que “se um testemunho individual é comunicado, isto não quer dizer que se considera tal indivíduo precioso em si mesmo. Essa entidade singular é tomada como amostra da continuidade de seu grupo”.

Foram realizadas cinco entrevistas com alunos do curso de graduação de Terapia Ocupacional da UNIFESP, sendo duas com alunos do terceiro ano, duas com alunos do quarto ano (estagiários) e uma com aluna já graduada, mas ainda participante do trabalho. As questões foram elaboradas de maneira a permitir que os entrevistados discorressem sobre o tema proposto, sendo as entrevistas gravadas e transcritas posteriormente. Os encontros foram marcados no próprio espaço da universidade de acordo com a disponibilidade do pesquisador e de cada participante, no período entre junho e julho de 2014. Todos concordaram em participar do estudo após leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A pesquisa foi realizada por análise de conteúdo sob uma perspectiva cartográfica que rompe com a ideia de neutralidade do pesquisador e com a dissociação entre objetividade e subjetividade, compreendendo que durante a experiência estes aspectos ocorrem juntos (BARROS; BARROS, 2013). Leva-se em consideração a análise

cartográfica como um procedimento de “multiplicação de sentidos e inaugrador de novos problemas” (BARROS; BARROS, 2013, p.375). Opta-se ainda, por se aproximar deste método de análise por estar implicado com o acompanhamento de processos, seja de pesquisa ou de intervenção.

4. Análise dos dados e discussão

A partir da análise de conteúdo dos relatos, foram criadas categorias com os temas que mais se sobressaíram, descritos e discutidos a seguir.

4.1. Conceito de saúde

Cena:

“Ela andava bem devagarzinho, com uma muletinha, bem devagarzinho... dona Rosa! Dona Rosa. Ela andava bem devagarzinho, então a primeira vez que eu vi o jeito que ela fazia, o esforço que ela fazia pra estar junto no grupo, acho que isso me deu até vontade de chorar, porque ela teve um AVC, se não me engano, e aí ela ia bem devagarzinho, assim, com a muleta, né, o apoio dela, jogava a chave pro aluno ir lá pegar e ela vinha segurando no varal.” (A1).

Os alunos, ao explicitarem o motivo de participarem do trabalho com as mulheres colocam uma aproximação com o conceito de saúde para além da doença, mostrando certa expectativa em encontrar neste lugar a possibilidade de exercitar este olhar. Na cena descrita acima, a aluna se sensibiliza com o esforço de dona Rosa para sair de casa e ir ao grupo com suas limitações físicas. Percebe-se que neste momento a atenção não se concentrou em uma avaliação do AVE (Acidente Vascular Encefálico) ou nas medidas da muleta, mas no desejo da mulher em participar do grupo apesar disso.

“Propor saúde a partir da vida e não propor saúde a partir da doença.” (A2).

Segundo Campos et al. (2004) a partir da reformulação da política nacional de saúde, a escuta e o olhar dos profissionais de saúde devem ser deslocados da doença para o sujeito em sua totalidade e como potentes criadores da própria vida. Isto não significa que devem ser ignorados os adoecimentos das pessoas, pois, são processos que também fazem parte de suas histórias, influenciando no modo de viver e participar no mundo e precisam ser cuidados, porém, se faz necessário que o profissional considere e valorize o ser humano em suas multidimensionalidades e o visualize como “capaz de manter-se saudável ou viver com saúde, mesmo que em uma condição de doença.” (DALMOLIN et al. 2011).

[...] eu escolhi porque achei que era um lugar que eu ia poder ter mais oportunidade de fazer o que eu achava que a faculdade propunha que era fazer saúde só que de um jeito diferente. (A3).

Através dos relatos e das expectativas dos alunos é possível perceber que os conceitos apresentados e discutidos nas aulas que seguem a proposta político-pedagógica do campus baixada santista quanto a um cuidado integral, são, de alguma forma, internalizados pelos estudantes e surgiu como algo significativo na pesquisa, sendo que a busca por exercitar este olhar parece ter sido satisfeita ao longo do semestre que estavam participando do grupo. Ao fazer o acolhimento, eles descobriam que estar junto era uma forma de cuidado e consequentemente de produzir saúde.

4.1. Presença

“[...] não necessariamente que você tenha a resposta pras coisas, né, mas estar ali pelo outro, acho que é isso, acolher o outro é estar ali, querer ouvir, querer estar perto, querer compor, querer aprender e querer ensinar, né, ter uma troca com o outro, acho que isso é acolher, você sair de si mesmo, né, dos seus desejos, das suas vontades, pra estar ali um pouco pelas vontades e desejos do outro...” (A4).

Assim como Mângia et al. (2002) refletem sobre a não obrigatoriedade de dispor de todos os recursos para as diversas necessidades que surgem no acolhimento, é possível perceber logo no início da fala a compreensão do aluno de que de fato ao acolher, algumas respostas não conseguem ser dadas, mas o *querer* do profissional em estar junto com o outro, interessando-se por ele e considerando os seus saberes pode acontecer mesmo assim. Esta disponibilidade pode permitir ao profissional (aluno) buscar e criar recursos que estão em outros lugares, ou seja, o acolhimento como forma de acesso a outras possibilidades e como forma de disparar na equipe a necessidade de se recriar para melhor atender as pessoas.

Os alunos foram unânimes em definir, quase que intuitivamente, o conceito de acolhimento a partir de atitudes e gestos que demonstrassem o ato de acolher, concordando, assim, com autores como Castro (2005) e Ciasca (2005) que colocam a corporeidade já construída e em construção do terapeuta e as formas com que o empresta para o outro, fundamentais para o acolher. Liberman (2008) aponta que

Aproximar-se do corpo, começar a colocar seus estados como referências cotidianas para o enfrentamento de situações, pensar e viver com base em suas conectividades com os ambientes, exige então uma instauração do corpo como modo de aprendizagem, ação e ‘monitoramento de si’, abrindo espaço para problematizações e ações. (p.54)

Baseando-se no conceito de potência de Espinosa, a autora coloca que para que o corpo se torne aberto e poroso o suficiente para permitir a experiência, no caso, do encontro, deve se colocar em um estado de prontidão onde consiga viver suas potências. Não se trata de determinar protocolos, mas de colocar-se em exercício e estar aberto ao encontro e ao que possa surgir a partir dele, ou seja, permitir-se afetar e ser afetado. O acolher pode ser um procedimento, mas não um manual, rígido e normativo.

Pensar, então, no corpo e suas conectividades com o que acontece no momento, é trazer o corpo a certo estado de presença que possibilite o enriquecimento de diferentes situações cotidianas, como buscar as mulheres do grupo em suas casas, ouvi-las, percebê-las.

As respostas dos alunos sobre as atitudes que desenvolveram para estar com as mulheres no momento da colheita foram diferentes entre si, o que pode levar a pensar a existência de singulares formações dos corpos e suas subjetividades pelas diversas histórias, contextos sociais e culturais em que foram construídos e que ao se afetarem nos encontros também podem produzir transformações diferentes.

“Acho que foi isso, não fazer por elas, mas ajudar, sabe, dar autonomia, deixar ela ter autonomia.” (A1).

“[...] aprender, assim, que cada uma é diferente [...]” (A5)

“Eu tive que aprender a escutar muito [...] aprender a escutar o silêncio, também, das mulheres.” (A2).

“É, então, eu sempre, sempre fui um cara bem reservado [...] Eu mudei muito nisso, assim, de ter que me abrir, ter que estar presente ali pro outro, de me importar com o outro [...], acho que permitiu conhecer essa outra forma de ser e estar no mundo e estar presente com o outro assim, sem perder a minha essência, sabe, sem perder a minha essência, acho que é isso.” (A4).

“Eu acho que você tem que desenvolver paciência, jogo de cintura, flexibilidade, confiança [...] Iniciativa.” (A3).

Esta diferença nas atitudes que se conectam a um mesmo propósito, acolher as mulheres, remete à ideia de que não há fórmulas para o acolhimento (CIASCA, 2005), não existem técnicas ou atitudes anteriormente determinadas, mas cada um, a seu tempo e ao longo dos encontros e do que lhes afeta vão se permitindo agir em resposta a isso. Alguns contornos são necessários para dar direção e certa segurança ao trabalho, como

os telefonemas, a organização do trajeto, a utilização do degrau e o próprio destino, que é o grupo de mulheres no instituto, mas não significam uma rigidez das ações, pelo contrário, devem ser flexíveis o bastante para responder ao imprevisível dos encontros e do caminho.

4.2. Dificuldades e território

As dificuldades apresentadas pelos alunos envolveram os aspectos de acessibilidade e vulnerabilidade social do território.

Esta última aparece como pano de fundo para algumas situações, os alunos não apresentam como um problema em si, mas compondo algumas cenas, como no relato do motorista que não quis ir para determinada região por achar o local perigoso, ou na preocupação da aluna com o restante das pessoas do grupo esperando-a ao ter que parar na casa de uma das mulheres para conversar, pois esta não estava bem para ir, ou seja, como acolher as necessidades individuais de uma mulher sem esquecer as questões práticas, como tempo do percurso e os riscos do caminho.

*“Ou então eu chegar lá [na casa] e ela [mulher] começar a chorar, falar que não quer ir, como você lida com aquilo porque você tem um **tempo pra chegar** no lugar, você tem gente dentro da van esperando, com pressa, você tem horário a cumprir, você tem um lugar, né, que tem uma **vulnerabilidade social** que você tem que estar o tempo todo ligado nisso, se preocupando com os outros alunos, se preocupando com um monte de coisa [...]”* (A3).

“Tanto que teve uma vez que a gente chegou aqui pra pegar o ônibus e aí o motorista falou: Não, hoje se for pra ir pegar as mulheres lá nas vielinhas, nas favelas eu não vou, não quero e ponto final.” (A4).

A questão da acessibilidade do território também foi citada como dificuldade enquanto ruas estreitas, obras no meio do caminho, alagamentos e dos estudantes lembrarem o percurso. Alguns alunos também colocaram a dificuldade com os motoristas que não conhecem a região e nem o trabalho e a importância de também acolhê-los a fim de torná-los parceiros na colheita.

Ao acolher as mulheres também se acolhe um território, compreendido como um espaço de possíveis expressões da vida, com elementos cotidianos repletos de sentido e que produzem valores e trocas sociais (MALFITANO; BIANCHI, 2013), ou seja, “o espaço revela a ação humana e a existência social;” (CASTRO; SILVA, 2007, p. 104). Portanto, acolhe-se a cultura, as relações, os valores, os modos de fazer, as ruas

estreitas, a calçada quebrada, a casa miúda, a insegurança, as diferenças, enfim, acolhe-se o inusitado e inesperado do território.

Neste sentido, em acordo com CIASCA (2005) o acolhimento pode ser uma importante estratégia para responsabilizar-se por este território e todos os seus elementos e assim, agir com a intenção de fortalecer as pessoas de maneira que superem a passividade e receptividade para serem protagonistas das ações deste lugar ao qual pertencem e para transformar suas realidades.

4.3. Potencialidades

Em relação às potencialidades do trabalho da colheita descritas pelos alunos, estas se apresentaram em sua maioria como aprendizagem para eles próprios.

“Eu acho muito importante, até pra gente entender o contexto [...] contexto geral da mulher, sabe. [...] acho que também é um momento de aproximação...” (A1).

Na fala, percebe-se a importância dada ao fato de através da colheita poder conhecer aspectos da vida da mulher como: onde mora, como é sua casa, seu território, aproximando-se de tudo isso e possibilitando uma nova perspectiva para pensar suas próprias ações. Ao observar o contexto da vida dos sujeitos é possível enxergar com mais clareza, inclusive, os processos de exclusão em que vivem, as dificuldades de acesso a determinados serviços ou espaços de participação e construções coletivas.

Portanto, ter uma aproximação com os contextos de vida destas mulheres pode possibilitar aos alunos ressignificarem suas próprias ações, tornando-as ainda mais significativas e pulsantes, possibilitando o acesso das mulheres, não somente através do transporte, mas do acolhimento, das relações em construção.

“[...] um turbilhão de coisas, afetos, troca de afetos, troca de experiências, de sorrisos, toques, né, uma coisa muito intensa, assim, e acho que essa é a potencialidade da coisa, né [...] a gente também aprende demais, a gente sai de lá outra pessoa, com certeza...” (A4).

Percebe-se aqui que ocorrem diversas trocas durante o acolhimento na colheita e estas são colocadas como potencialidades. Ao acolher o aluno também é afetado e isso pode dar sentido e potência ao seu trabalho, colaborando, portanto, para o seu processo de formação.

Segundo a filosofia de Spinoza apresentada por Moreira (2011) os afetos sentidos pelo corpo nos diferentes encontros influem diretamente em sua potência de agir, sendo esta aumentada pela alegria produzida.

“É maravilhoso, é importante, eu cresci, eu aprendi, eu aprendi a ter autonomia, aprendi a ter responsabilidade, eu aprendi a conhecer essas mulheres, a conhecer seus limites [...] acho que quando você conhece os limites delas você sabe que pode ir além dos seus e dos delas e é lindo, bem lindo.” (A3).

Essa fala traz um recorte do processo de formação que os alunos atravessam ao realizar suas ações. Ao serem colocados frente à prática podem ter experiências que não teriam em sala de aula. Além disso, a aluna explicita que a partir da participação no trabalho foi possível conhecer as mulheres, suas fragilidades, assim como pode perceber as suas próprias e que era possível superá-las. É possível tecer uma relação com Mângia et al. (2002) no que diz respeito a possibilidade transformadora dos serviços, e, neste caso, de um sujeito, a partir das dificuldades e impasses encontrados na prática do acolhimento.

Estes aspectos se revelaram importantes para o desenvolvimento de um raciocínio clínico e habilidades da prática profissional destes alunos, e, portanto, potencialidades.

4.4. Terapia Ocupacional

“Sim. Ah, a gente durante a graduação fala muito de fazer junto, né, e se a pessoa não consegue ir a algum lugar de ir junto com a pessoa e acho que é o mesmo processo.” (A5).

O *fazer junto*, colocado pelo aluno, pode ser relacionado à idéia de processualidade, um fazer que tem um caminho a percorrer. Ao se pensar na colheita deflagra-se um processo, que se inicia desde os primeiros contatos com as mulheres, incluindo as visitas domiciliares feitas pelos alunos do projeto de extensão e estende-se por toda a organização de busca em suas casas e onde ocorre o acolhimento, compondo uma ação processual ainda maior, que é a participação das mulheres no grupo.

A possibilidade de pensar os processos como parte fundamental de qualquer ação, valorizando o *como fazer* e não apenas o produto final é um dos olhares da Terapia Ocupacional. “O entendimento dos processos envolvidos na ação é fundamental para que se possa conceber a vida cotidiana como matriz de transformações.” (LIMA; OKUMA; PASTORE, 2013, p. 248).

O cotidiano também é relacionado pelos alunos como parte essencial para a intervenção, sendo atravessado pela colheita que, por sua vez, foi descrita como atividade e como um recurso terapêutico:

[...] a gente não consegue ter um grupo, não consegue fazer a colheita sem pensar em cotidiano, sem pensar em autonomia, sem pensar em atividade porque a colheita também é óbvio né, que é uma atividade e a gente tá mudando o cotidiano dessas mulheres [...]” (A3).

[...] é uma atividade, é um recurso terapêutico, praticamente, a colheita, então é muito importante.” (A4).

De acordo com Salles e Matsukura (2013)

[...] é possível depreender que interessa para a terapia ocupacional o que as pessoas fazem, como usam o tempo, onde vão, quais são seus desejos, como o contexto social facilita ou dificulta o engajamento das pessoas em diferentes atividades; enfim, como se constrói a vida cotidiana dos sujeitos. (p. 266)

Sendo assim, o trabalho de colher as mulheres em suas casas e o acolhimento oferecido ocorre em um campo do cotidiano e interferem no mesmo, assim como o cotidiano das mulheres também dá direções de como o trabalho pode ser realizado. A partir do momento em que há a combinação de horário dos encontros já está posta uma intervenção que, aos poucos, pode se tornar parte da organização de seus cotidianos.

As atividades, conceito amplamente discutido no campo da Terapia Ocupacional sob diferentes abordagens, podem ser definidas, de modo genérico como a “compreensão do agir e fazer dos sujeitos, configurando modos singulares, concretos, e materiais de dizer o mundo e se relacionar com ele” (LIMA; PASTORE, 2013, p. 251) e segundo as mesmas autoras, as atividades são utilizadas com o objetivo de produzir autonomia. Sendo assim, os alunos consideram o trabalho da colheita como uma atividade, um recurso, que possibilita a autonomia das mulheres em estarem prontas, cumprirem um combinado e se sentirem mais confiantes para estar no grupo.

[...] justamente por essa coisa do estar ali, estar presente, do ouvir, do tocar, do conhecer a história, né, acho que tudo a ver com T.O[...].” (A4).

“Pra mim, Terapia Ocupacional é uma profissão que trabalha com vínculo.[..] E a colheita é um local de vínculo.” (A2).

Percebe-se na primeira fala a relação entre aspectos anteriormente discutidos como presença, escuta, atitude acolhedora e Terapia Ocupacional, concordando com Ciasca (2005) quanto à responsabilidade que o terapeuta ocupacional pode ter pela iniciativa do acolher. Na segunda fala, o aluno coloca a possibilidade de criação de vínculo, compreendido aqui como relação entre as pessoas, que pode ser desenvolvida a

partir do acolhimento que acontece durante a colheita. Castro (2005) coloca a atenção e o acolhimento como estratégias a compor o processo de vinculação entre terapeuta-paciente, ou seja, é possível esta aproximação na Terapia Ocupacional, o que foi vivenciado pelo aluno.

Em apenas uma das entrevistas, a aluna não estabeleceu uma relação entre o trabalho da colheita e Terapia Ocupacional.

“[...] não sei se exatamente com a Terapia Ocupacional isso tem uma associação. Acho que individual, pra cada profissional, acho que isso deveria ter uma associação individual, entendeu?” (A1).

É possível perceber na fala o deslocamento do trabalho como sendo importante não somente para a Terapia Ocupacional, mas para os profissionais em geral. De acordo com Ballarin et al. (2011) o acolhimento pode fazer parte da prática de todos os profissionais, e ainda, é possível pensar que cada um com seus diferentes saberes pode imprimir olhares distintos, tecendo relações com suas profissões a áreas de atuação.

5. Considerações Finais

O acolhimento é visto enquanto uma disponibilidade do profissional para a escuta, a percepção das demandas e reorganização dos serviços. Está ligado à forma com que o terapeuta se apresenta, seus gestos e atitudes sem estar aprisionado em fórmulas ou técnicas, mas como algo a ser exercitado.

O processo de buscar as mulheres em suas casas é chamado aqui de Colheita e assumido como uma potente estratégia para a participação destas mulheres ao grupo, que acontece semanalmente em um equipamento de cultura. A colheita se configurou como um espaço importante para a realização do acolhimento e deslocamento das mulheres, facilitando assim, o acesso delas a uma determinada proposta, além de permitir aos alunos certa aproximação com os contextos de vida das mulheres e, consequentemente, a ressignificação de suas próprias ações.

Foi possível perceber a aproximação dos alunos a um conceito ampliado de saúde, bem como entrar em contato com as questões de corporeidade, revelando a disponibilidade dos corpos ao encontro e, com isso, gerando transformações nas atitudes dos alunos. Compreendeu-se a importância de se acolher o território com todas as suas dificuldades, pois é parte fundamental do trabalho.

É interessante colocar que algumas destas questões possivelmente não existiam, mas, a partir do encontro com os estudantes e de fazê-los pensar sobre o tema, os dados também se criaram.

Portanto, este estudo, ao aproximar-se do tema do acolhimento dentro de um pequeno - mas potente – recorte, que é o trabalho da colheita das mulheres, dentro de um território específico, e suas implicações aos estudantes participantes não tem como intenção apontar conclusões ou respostas fechadas, mas principalmente, gerar reflexões sobre os processos vivenciados por eles, buscando tecer relações com o campo de conhecimento e prática da Terapia Ocupacional.

6. REFERÊNCIAS

BALLARIN, M. L. G. S. et al. Percepção de profissionais de um CAPS sobre as práticas de acolhimento no serviço. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 35, n.2, p. 162-168, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **HumanizaSUS**: acolhimento com avaliação e classificação de risco: um paradigma ético-estético no fazer em saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização. **HumanizaSUS**: A humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.

BARROS, L. M. R. de; BARROS, M. E. B. de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro , v. 25, n. 2, Ago. 2013.

CAMPOS, G. W. et al. Avaliação de política nacional de promoção da saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 9, n. 3, p. 745-749, 2004.

CASTRO, E. D. de; SILVA, D. de M. Atos e fatos de cultura: territórios das práticas, interdisciplinaridade e as ações na interface da arte e promoção da saúde. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.18, n. 3, p. 102-112, set./dez. 2007.

CASTRO, E. D. de. Inscrições da relação terapeuta-paciente no campo da terapia ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 16, n. 1, p. 14-21, jan./abr., 2005.

CIASCA, R. O relógio do menino ou o menino do relógio? Reflexões sobre a Terapia Ocupacional e a meninice: Tá na hora? In: PÁDUA, E. M. M. de; MAGALHÃES, L. V. (Orgs.) **Casos, memórias e vivências em Terapia Ocupacional**. Campinas, SP: Papirus, p. 75-96. 2005.

DALMOLIN, B. B. et al. Significados do conceito de saúde na perspectiva de docentes da área da saúde. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, Junho 2011.

FRANCO, T. B.; BUENO, W. S.; MERHY, E. E. O acolhimento e os processos de trabalho em saúde: o caso de Betim, Minas Gerais, Brasil. **Cad. Saude Pública**, Rio de Janeiro, vol.15, n.2, p. 345-353, abr./jun. 1999.

LIBERMAN, F. **Delicadas coreografias**: instantâneos de uma terapia ocupacional. São Paulo: Summus, 2008.

LIBERMAN, F.; MAXIMINO, V. **Planos grupais e experiência estética**: friccionando ideias, emoções e conceitos. No prelo.

LIMA, E. M. F. A. de; OKUMA, D. G.; PASTORE, M. D. N. Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira. **Cad. Ter. Ocup.** UFSCar, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 243-254, 2013.

MALFITANO, A. P. S.; BIANCHI, P. C. Terapia Ocupacional e atuação em contextos de vulnerabilidade social: distinções e proximidades entre a área social e o campo de atenção básica em saúde. **Cad. Ter. Ocup.** UFSCar, São Carlos, v. 21, n.3, p. 563-574, jun. 2013.

MÂNGIA, E. F.; SOUZA, D. C.; MATTOS, M. F.; HIDALGO, V. C. Acolhimento: uma postura, uma estratégia. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 13, n. 1, p. 15-21, jan./abr. 2002.

MARTINS, H. H. T. S. de. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul/set. 1993.

MOREIRA, A. B. Nietzsche e Spinoza: fundamentos para uma terapêutica dos afetos. **Cadernos Espinosanos XXIV**, São Paulo, p. 141-165, jan./jun. 2011.

SALLES, M. M.; MATSUKURA, T. S. Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da terapia ocupacional no Brasil. **Cad. Ter. Ocup.** UFSCar, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 265-273, junho 2013.

SCHMIDT, Moema Belloni; FIGUEIREDO, Ana Cristina. Acesso, acolhimento e acompanhamento: três desafios para o cotidiano da clínica em saúde mental. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo , v. 12, n. 1, Mar. 2009 .

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisa: Colhendo e Acolhendo: experiência de estudantes de Terapia Ocupacional em um grupo de mulheres na região noroeste, Santos.

Você está convidado a participar da pesquisa: **Colhendo e Acolhendo: experiência de estudantes de Terapia Ocupacional em um grupo de mulheres na região noroeste, Santos.**

Esta pesquisa faz parte de um projeto mais ampliado intitulado: *Cartografias femininas: ações territoriais junto as mulheres da região Noroeste de Santos*, desenvolvida pela pesquisadora principal Flavia Liberman da Universidade Federal de São Paulo, *campus Baixada Santista*. O objetivo geral deste estudo é investigar como o trabalho com o Grupo de Mulheres na região noroeste de Santos, sob a perspectiva do acolhimento, contribui para a formação dos estudantes de Terapia Ocupacional. A pesquisa consistirá em responder a uma entrevista semiestruturada contendo questões relativas à participação no trabalho com as mulheres. Durante a pesquisa serão utilizados registros escritos e gravados por meio de um gravador.

É garantida a liberdade da retirada de seu consentimento a qualquer momento. Você pode deixar de participar do estudo sem qualquer prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com o pesquisador e outros voluntários, não sendo divulgada a identificação de nenhum sujeito de pesquisa.

Não haverá despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. O pesquisador afirma seu compromisso de utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao responsável pela pesquisa para esclarecimentos e eventuais dúvidas. As pesquisadoras responsáveis são Flávia Liberman e Natalia Leandro Martins, que podem ser encontradas no endereço Rua Silva Jardim, 136 – Departamento de Saude, Clínica e Instituições, UNIFESP, Baixada Santista. Telefone: (13)3221-8058. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua

Botucatu, 572 – 1.º andar – Cj. 14, pelo telefone (11) 5571.1062, FAX.: (110 5539.7162 ou por e-mail, através do cepunifesp@epm.br.

Eu, _____, RG n.º _____, CPF n.º _____, abaixo assinado, acredito ter sido suficientemente informada a respeito das informações que li ou foram lidas para mim, descrevendo o estudo Colhendo e Acolhendo: experiência de estudantes de Terapia Ocupacional em um grupo de mulheres na região noroeste, Santos.

Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e risco, as garantias de confidencialidade e de esclarecimento permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____/_____/_____

Assinatura do participante da pesquisa

Data`

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

_____/_____/_____

Assinatura do responsável pelo estudo

Data

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Quando e como (aluno, estagiário etc) você participou do grupo de mulheres?
- Você escolheu participar? Por quê?
- O que você acha que leva as mulheres a aderirem este tipo de trabalho?
- Pra você o que é acolhimento?
- Já ouviu falar sobre o assunto na graduação? Em qual disciplina?
- Como foi participar do momento da colheita das mulheres no micro-ônibus?
Quais dificuldades e potencialidades você encontrou?
- Que tipos de atitudes você teve ou precisou desenvolver pra estar com as mulheres neste momento?
- Você faz alguma associação com a metodologia da colheita e Terapia Ocupacional?
- Você acha que este trabalho contribuiu para sua formação como terapeuta ocupacional? Como?
- Do seu ponto de vista, como foi a participação dos demais alunos de diferentes cursos no trabalho?
- Tem alguma cena significativa que você pudesse descrever ocorrida no momento da colheita?